

Capítulo I

Meu filho ainda é um estranho no mundo...

William Shakespeare

Lady Jane Fitzmaurice tinha apenas seis anos quando seus pais morreram.

Cavalgando no fim da tarde, ela chegou a sua casa, o Castelo de Loughmore, suja e descabelada como sempre depois de um dia de andanças com seu pônei nas colinas verdejantes de Tipperary. Aquele dia adorável de primavera irlandesa não mostrava nenhum indicativo de ameaça à segurança da menina. Ela deixou o pônei no estábulo e caminhou até a grande mansão de pedra, lar dos condes de Loughmore por gerações. Sabia que seus pais haviam saído para velejar no lago Derg, porém essa ausência não a incomodava. Afinal, ela raramente os via, mesmo quando eles estavam em casa.

Como sempre, Jane jantou no quarto das crianças com a srta. Kilkelly. Depois folheou um livro sobre cavalos que ganhara como presente no último aniversário, antes de a srta. Kilkelly dar-lhe banho e levá-la para a cama.

As notícias chegaram ao castelo uma hora após Jane ter adormecido. Uma tempestade se formara rapidamente sobre o lago Derg e o pequeno barco onde estavam o conde, a condessa e dois amigos, naufragara. Nenhum deles pôde nadar. E infelizmente, não houve sobreviventes.

A informação foi trazida para Jane pelo prior local. Ele sentou-se na frente da lareira de mármore Kilkenny na sala de estar e Jane permaneceu em pé diante dele. Como de costume, ela estava vestida com roupa de montaria e o prior hesitava, procurando as palavras certas para dizer à criança tranquila que o observava.

Jane Fitzmaurice não era uma menina bonita, contudo havia algo de diferente nas maçãs altas do rosto e no queixo quadrado que

preunciavam mais do que beleza quando ela se tornasse mais velha. Os cabelos negros, lisos e compridos estavam amarrados na nuca com uma fita velha de veludo. Os olhos, azul-esverdeados como o mar em dias ensolarados, encaravam o reverendo Linley.

— Jane, minha querida, lamento, mas terei de ser o portador de más notícias para você. Seus pais se acidentaram com o barco... — Ele tornou a hesitar, depois de falar com ternura.

— E?... — Jane perguntou com voz clara e infantil.

— Bem... Eles se afogaram, Jane. Sinto muito.

— Afogaram? — Uma ruga apareceu entre as sobrancelhas da menina. — Reverendo Linley, o senhor está querendo dizer que eles estão mortos?

— Sim. — Impotente, o religioso olhou para a criatura pequena e esguia. Pai de três filhos, seu primeiro impulso foi de abraçá-la. Mas a menina solitária e ereta que o fitava com segurança não parecia necessitar de conforto.

Seguiu-se um silêncio longo.

— Poderei ficar no Castelo de Loughmore?

O reitor assoou o nariz.

— A propriedade tem uma linha de sucessão predeterminada, Jane. — Ele afirmou depois de guardar o lenço no bolso. — Você sabe o que isso significa?

— Significa que não pode ser minha porque sou uma menina. O que acontecerá, reverendo? — Pela primeira vez houve um tremor na voz calma. — Poderei ficar aqui?

O ministro gostaria de acalmá-la, mas não conseguiu mentir diante daquele olhar tão sincero.

— Não sei, Jane — respondeu com honestidade. — Teremos de esperar para ver.

Jane era a única filha de James Fitzmaurice, conde de Loughmore e de sua esposa Helen. O fato de ser uma menina fora um grande desapontamento para os pais. Desapontamento esse que se agravara à medida que os anos passavam e não surgiam mais filhos.

Quando James se afogou, o Castelo de Loughmore passou às mãos de seu primo em segundo grau, Henry Fitzmaurice, que se tornou o quinto conde. A tutela de Jane ficou aos cuidados de Edward Stanton, marquês de Rayleigh, seu tio materno. O marquês tinha apenas vinte e seis anos de idade na época, mas como único irmão de lady Loughmore, era o parente vivo mais próximo de Jane e, assim, foi nomeado tutor da menina no testamento do conde.

Jane não se impressionou em excesso com a morte dos pais, porque não tivera muito contato com eles, contudo achava angustiante deixar Loughmore. Os pais a haviam ignorado e no castelo não tinha crianças com quem ela pudesse brincar, porém ela convivera com o pônei e os cavaleiros da estabulação que a haviam ensinado a cavalgar desde os dois anos de idade.

Nada que lembrasse uma infância normal, mas fora o único tipo de vida que Jane conhecera. E à maneira das crianças, aceitara tudo com normalidade e não tinha sido infeliz.

Agora, todavia, teria de deixar Loughmore. De fato, teria de abandonar a Irlanda e cruzar o oceano rumo a uma terra estranha que nunca tinha visto, para viver com o tio que não conhecia. Pela primeira vez em sua vida, teve medo.

Mas apesar de sua pouca idade, Jane Fitzmaurice era muito orgulhosa para permitir a alguém suspeitar de seus sentimentos. O único momento em que se abateu foi ao entender que teria de abandonar o pônei. Então soluçou na cama, na escuridão da noite. Ela que não chorara nem pela morte dos pais.

A única novidade agradável desde o falecimento dos pais foi saber, pelo reverendo, que a casa do tio Edward ficava perto de Newmarket e que lá havia um haras. E Jane repetiu a si mesma, várias vezes, que onde houvesse cavalos a vida não seria tão ruim.

Ela foi para a Inglaterra com sua ama, a srta. Kilkelly e o secretário do tio Edward que viera de Heathfield, a propriedade do marquês, para garantir que a menina chegaria em segurança.

Não houve demora em arrumar as roupas e os pertences de Jane. Ela não era uma criança interessada em vestidos lindos e sua mãe, que a considerava sem graça, raramente se preocupava com o que a

filha vestiria. A maioria de suas roupas era de montaria.

Eles viajaram de Loughmore a Wexford e, pelo canal St. George, até o país de Gales. A travessia foi calma e Jane permaneceu o tempo todo no convés, silenciosa e reservada como fizera desde que o sr. Hightower, secretário de seu tio, chegara a Loughmore. Ele era um homem de cerca de cinquenta anos, desacostumado com crianças, mas tentara ser bondoso com ela. Preocupava-o que ela permanecesse tão reservada. Esperava que a menina fizesse inúmeras perguntas a respeito de seu novo lar, mas ela só perguntou quantos cavalos havia em Heathfield. Seu primo, o novo conde, também tentou ser amável, mas encontrou a mesma falta de diálogo.

A viagem através da Inglaterra pareceu interminável para Jane. Chegaram a Newmarket ao anoitecer do sexto dia após terem saído de Gales. Exausta pela viagem e, com dificuldade, ela entrou na grande residência de pedra de chaminés altas e inúmeras janelas brilhantes sob a luz do ocaso.

Jane tropeçou um pouco ao descer da carruagem, mas, resoluta, não aceitou a ajuda da srta. Kilkelly. Endireitou as costas, subiu os degraus dianteiros e foi ao encontro do homem moreno que a esperava.

O marquês de Rayleigh usava um impecável traje de noite. A camisa e a gravata de um branco imaculado contrastavam com o casaco e o vestido dela manchados e amarrotados pela viagem.

— O senhor é tio Edward? — ela perguntou, com a objetividade usual.

— Sou. — O sorriso do jovem cavalheiro foi triste ao observar a menina descomposta e resoluta que o interrogava.

Jane anuiu e passou por ele para entrar no belo hall de mármore. De imediato notou as pinturas que decoravam as paredes. A maioria era de autoria de George Stubbs; o tema central de todas eram os cavalos.

— Oh... — ela disse e seus olhos claros brilharam.

O tio a seguiu e dirigiu-se a ela alegremente.

— Não sei exatamente o que fazer a seu respeito, Jane. Reconheço que não tenho experiência com crianças, mas compreí dois pôneis

para você cavalgar. Gostaria de vê-los pela manhã?

Jane virou-se para ele, com um brilho mais intenso no olhar.

— Pôneis para mim? — ela indagou, receosa. — São meus?

— Claro — Edward Stanton respondeu. — É um presente para você.

Jane subiu até o quarto das crianças, seguida pela srta. Kilkelly, deixando para trás o tio que convidou o secretário para tomar um cálice de conhaque. Em seguida o marquês dispensou o sr. Hightower e ficou sentado durante uma hora, enquanto bebia mais uma dose de conhaque. Apesar de tudo, ele se sentiu aliviado com o relato de seu auxiliar.

Edward Stanton ficara aflito ao saber que, sendo tão jovem, seria tutor de uma menina de seis anos. Era uma responsabilidade que não desejava, porém seu advogado reafirmara que ele era o único parente próximo de Jane.

— Milorde, a menina precisa ficar em algum lugar — o sr. Abercrombie dissera. — Se não ficar aqui com milorde, para aonde ela irá?

Depois dessa conversa, o marquês mandara abrir e limpar o quarto das crianças de Heathfield e, por ser um Stanton, providenciara os cavalos para sua sobrinha montar. Afora isso, pensou sem entusiasmo, teria de confiar na ama de menina.

Jane, porém, era diferente de suas expectativas. Ao fitar aqueles olhos cor de água marinha semelhantes aos do pai dela, o marquês tivera a impressão que encarava um adulto e não uma criança até então desconhecida. De maneira nenhuma Jane parecia desamparada. E, segundo, Hightower, ela dava a impressão de ser capaz de se cuidar. O marquês então teve esperança de não ser importunado, se a deixasse agir por conta própria.

Jane acordou cedo na manhã seguinte com o sol que penetrava pela janela do quarto estranho. Demorou apenas um minuto para entender que não se encontrava em outra estalagem, mas sim em Heathfield. Seu novo lar.

Sentou-se na cama, afastou o cabelo dos olhos e olhou com curiosidade ao redor. As paredes do quarto das crianças eram

pintadas de azul-claro para combinar com os azulejos azuis da lareira. Cortinas brancas onduladas enfeitavam as janelas e o piso de taboas largas brilhava pelo polimento. Em seguida, a srta. Kilkelly entrou para escolher suas roupas.

— Vou cavalgar, Kelly — Jane avisou-a, sem esconder a excitação. — Tio Edward comprou dois pôneis para mim e disse que eu poderia vê-los esta manhã.

— Que bom, lady Jane — a srta. Kilkelly respondeu sem se alterar. Calma, a moça decidiu-se por um dos melhores conjuntos de montaria de Jane, sem demonstrar o alívio que sentia com tom de entusiasmo na voz da menina.

Após Jane estar vestida, as duas foram até o quarto contíguo onde havia uma pequena mesa em frente da janela. Uma criada entrou com o café da manhã e Jane comeu depressa, aflita para ir até a estrebaria.

Às nove e meia, ela já caminhava pela alameda de oitocentos metros de cascalho que separavam a residência da estrebaria.